

Presidente do BNDES rebate críticas sobre aumento do gasto público no governo Lula

(Ana Paula Grabois)

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Demian Fiocca, rebateu hoje a crítica de que houve aumento no gasto público durante o governo Luiz Inácio Lula da Silva. " Tem havido, no debate público, alguma confusão entre custeio da máquina e gastos de natureza finalística, que atingem a população ", afirmou. Esses gastos envolvem programas sociais, como Bolsa Família, educação e benefícios da Previdência Social, afirmou.

Fiocca citou um levantamento feito por economistas do BNDES que mostra que o custo da máquina diminuiu na gestão atual. De acordo com o estudo, o custo da máquina, que era de 5,6% do Produto Interno Bruto (PIB) na média de 2000 a 2002, passou para 5,22% do PIB na média entre 2003 e 2005. O aumento das despesas da União, diz Fiocca, tem relação com a expansão dos programas sociais - os quais, na sua visão, têm gerado resultados satisfatórios para a redução da desigualdade.

Para complementar seu argumento, ele usou ainda um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que revela que a metade mais pobre da população brasileira registrou um aumento de participação na renda total do país entre 2002 e 2005 (de 13,2% para 14,1%).

Além disso, afirmou Fiocca, projeções feitas com base no aumento do salário mínimo indicam que os 50% mais pobres teriam uma fatia maior da renda total em 2006, de 15,1%.

O presidente do BNDES discordou das críticas de que os programas sociais do governo federal são assistencialistas. " Uma política distributiva direta de entregar renda para famílias pobres ajuda o desenvolvimento econômico e a redução da desigualdade mais do que outras políticas de distribuição direta de bens, como cestas básicas, essas sim assistencialistas " .

Fiocca participou do seminário " Pobreza e Desenvolvimento no Contexto da Globalização " , promovido pelo centro internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

/td>